

O
BOBO

POR

A. HERCULANO

5.ª EDIÇÃO

LISBOA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO — EDITORES

5, Largo de Camões, 6

1903

O BOBO

POR

A. HERCULANO

5.^a EDIÇÃO

S. 869. HER. B. 03

LISBOA

TAVARES CARDOSO & IRMÃO — EDITORES

5, Largo de Camões, 6

1903

O BOBO

I

INTRODUÇÃO

A morte de Affonso vi, rei de Leão e Castella, quasi no fim da primeira decada do século xii, deu origem a acontecimentos ainda mais graves do que os por elle previstos no momento em que ía trocar o brial de cavalleiro e o sceptro de rei, pela mortalha com que o desceram ao sepulcro no mosteiro de Sahagun. A índole inquieta dos barões leoneses, gallegos e castelhanos, facilmente achou pretextos para dar largas ás suas ambições e mútuas malquerenças, na violenta situação política em que o fallecido rei deixara o país. Costumado a considerar a audacia, o valor militar e a paixão da guerra como o principal dote de um principe, e privado do unico filho varão que tivera, o in-

fante D. Sancho, morto em tenros annos na batalha de Ucles, Affonso vi alongara os olhos pelas provincias do imperio, buscando um homem temido nos combates e assás energico para que a fronte lhe não vergasse sob o peso da ferrea corôa da Hespanha christian. Era mister escolher marido para D. Urraca, sua filha mais velha, viuva de Raimundo conde de Galliza; porque a ella pertencia o throno por um costume gradualmente introduzido, a despeito das leis gothicas, que attribuiam aos grandes e até certo ponto ao alto clero a eleição dos reis. Entre os ricos-homens mais illustres dos seus vastos estados, nenhum o velho rei achou digno de tão elevado consorcio. Affonso i de Aragão tinha, porém, todos os predicados que o altivo monarcha reputava necessarios no que devia ser o principal defensor da cruz. Por isso, sentindo avizinhar-se a morte, ordenou que D. Urraca apenas herdasse a corôa dêsse a este a mão de esposa. Esperava por um lado que a energia e severidade do novo principe contivessem as perturbações intestinas, e por outro lado que, illustre já nas armas, não deixaria folgar os ismaelitas com a notícia da morte daquelle que por tantos annos lhes fôra flagello e destruição.

Os acontecimentos posteriores provaram, todavia, mais uma vez, quanto podem falhar as previsões humanas.

A historia do governo de D. Urraca, se tal nome se póde applicar ao periodo do seu predomínio, nada mais foi do que um tecido de traições, de vinganças, de revoluções e luctas civis, de roubos e violencias. A dissolução da rainha, a sombria ferocidade do marido, a cubiça e orgulho dos proceres do reino, convertiam tudo num cháos, e a guerra civil, deixando respirar os mussulmanos, rompia a cadeia de triumphos da sociedade christan, á qual tanto trabalhara por dar unidade o habil Affonso VI.

As provincias já então libertadas do jugo ismaelita não tinham ainda, digamos assim, senão os rudimentos de uma nacionalidade. Faltavam-lhes, ou eram debeis, grande parte dos vínculos moraes e juridicos que constituem uma nação, uma sociedade. A associação do rei aragonês no throno de Leão não repugnava aos barões leoneses por elle ser um estranho, mas porque a antigos subditos do novo rei se entregavam de preferencia as tenencias e alcaidarias da monarchia. As resistencias, porém, eram individuaes, desconnexas, e por isso sem resultados definiti-

vos, effeito natural de instituições publicas viciosas ou incompletas. O conde ou rico-homem de Oviedo ou de Leão, da Estremadura ou de Galliza, de Castella ou de Portugal, referia sempre a si, ás sus ambições, esperanças ou temores, os resultados provaveis de qualquer successo politico, e aferindo tudo por esse padrão procedia em conformidade com elle. Nem podia ser de outro modo. A idéa de nação e de patria não existia para os homens d'então do mesmo modo que existe para nós. O amor cioso da propria autonomia, que deriva de uma concepção forte, clara, consciente, do ente collectivo, era apenas, se era, um sentimento frouxo e confuso para os homens dos séculos xi e xii. Nem nas chronicas, nem nas lendas, nem nos diplomas, se encontra um vocábulo que represente o hespanhol, o individuo da raça godo-romana distincto do sarraceno ou mouro. Acha-se o asturiano, o cantabro, o galliciano, o portugualense, o castelhano, isto é, o homem da provincia ou grande condado: e ainda o toledano, o barcelonês, o compostellano, o lecionense, isto é, o homem de certa cidade. O que falta é a designação simples, precisa, do súbdito da corôa de Oviedo, Leão e Castella. E porque falta? É porque, em rigor, a entidade fal-

tava socialmente. Havia-a, mas debaixo de outro aspecto: em relação ao gremio religioso. Essa sim, que apparece clara e distincta. A sociedade christan era uma, e preenchia até certo ponto o incompleto da sociedade temporal. Quando cumpria applicar uma designação que representasse o habitante da parte da peninsula livre do jugo do Islam, só uma havia: *christianus*. O epitheto que indicava a crença representava a nacionalidade. E, assim, cada cathedral, cada parochia, cada mosteiro, cada simples asceterio, era um anel da cadeia moral que ligava o todo, na falta de um forte nexu politico.

Taes eram os caracteres proeminentes da vida externa da monarchia néo-gothica. A sua vida social interna, as relações publicas entre os individuos e entre estes e o estado, tinham sobretudo uma feição bem distincta: era a larga distancia que separava das classes altivas, dominadoras, que fruiam, as classes, em parte e até certo ponto servas, e em parte livres, que trabalhavam. A aristocracia compunha-se da nobreza de linhagem e da jerarchia sacerdotal, a espada e o livro, a força do coração e do braço, e a superioridade relativa da intelligencia. A democracia constituíam-na dous grupos notavelmente

designaes em numero e em condição. Era um o dos burgueses proprietarios com pleno dominio, moradores de certas povoações de vulto, commerciantes, fabricantes, artífices, isto é, os que depois se chamaram entre nós *homens de rua*, individuos mais abastados e mais insoffridos, fazendo-se respeitar ou temer, numas partes pela força do nexu municipal, concessão do rei ou dos condes dos districtos em nome d'elle, noutras partes pelas irmandades (*conjuraciones, germanitates*), associações ajuramentadas para resistirem aos prepotentes, e cujas origens obscuras talvez vão confundir-se com as origens não menos obscuras das behetrias. O outro grupo, incomparavelmente mais numeroso, constituiam-no os agricultores habitantes das parochias ruraes. Nessa época ainda eram raros os oásis da liberdade chamados alfozes ou termos dos concelhos. Dispersa, possuindo a terra por titulos de diversas especies, todos mais ou menos oppressivos e precarios, na dependencia do poderoso immunista ou do inexoravel agente do fisco, a população rural, ainda parcialmente adscripta á gleba, quasi que ás vezes se confundia com os sarracenos, mouros ou mosárabes, captivos nas frequentes correrias dos leoneses, e cuja

situação se assemelhava á dos escravos negros da America, ou a cousa ainda peor, dada a rudeza e ferocidade dos homens daquelles tempos.

A burguesia (*burgenses*), embryão da moderna classe média, assás forte para se defender ou, pelo menos, oppor á oppressão a vingança tumultuaria, era impotente para exercer acção efficaz na sociedade geral. Veio isso mais tarde. Assim, o unico poder que assegurava a unidade politica era o poder do rei. A monarchia ovetense-leonesa fôra como uma restauração da monarchia wisigothica, entre todos os estados bárbaros a mais semelhante na índole e na acção ao cesarismo romano. Uma serie de principes, senão distinctos pelo genio, como Carlos Magno, todavia de valor e de energia não vulgares, tinham sabido manter a supremacia real, annullada gradualmente além dos Pyrenéus pela successiva transformação das funcções publicas em beneficios e dos beneficios em feudos. Entretanto á auctoridade central faltava um arrimo solido a que se encostasse; faltava-lhe uma classe média, numerosa, rica, intelligente, émula do clero pela sua cultura. Essa classe, como já advertimos, ainda simples embryão, só no século xiii começou a ser uma fraca entidade poli-

tica, aliás rápidamente desenvolvida e avigorada. Desde aquella época é que a realeza aproveitou mais ou menos a sua alliança para domar as aristocracias secular e ecclesiastica, como com o auxilio della as monarchias de além dos Pyrenéus conseguiram tirar ao feudalismo a preponderancia, e quasi inteiramente o carácter politico.

Hoje é facil illudirmo-nos, crendo ver nas revoluções e luctas do occidente da Peninsula, no decurso dos séculos VIII a XII a anarchia feudal, confundindo esta com a monarchia aristocratica. Não era a jerarchia constituindo uma especie de familias militares, de *clans* ou tribus artificiaes, cujos membros estavam ligados por mútuos direitos e deveres, determinados por um certo modo de fruição de dominio territorial, em que se achava incorporada a soberania com exclusão do poder público. Em vez disto, era o individualismo rebellando-se contra esse poder, contra a unidade, contra o direito. Quando as mãos que retinham o sceptro eram frouxas ou inhabilmente violentas, as perturbações tornavam-se não só possiveis, mas, até, faceis. A febre da anarchia podia ser ardente; o que não havia era a anarchia chronica, a anarchia organizada.

Eis as circumstancias, que, ajudadas pelos desvarios da filha de Affonso vi, converteram o seu reinado num dos mais desastrosos periodos de desordens, de rebelliões e de guerras civis. A confusão vinha a ser tanto maior, por isso mesmo que faltava o nexu feudal. Eram tão tennes os laços entre o conde e o conde, o maiorino e o maiorino, o alcaide e o alcaide, o prestameiro e o prestameiro, o homem de mesnada e o homem de mesnada, e, depois, entre estas diversas categorias, que as parcialidades se compunham, dividiam ou transformavam sem custo, á mercê do primeiro impeto de paixão ou cálculo ambicioso. Deste estado tumultuario derivou a separação definitiva de Portugal e a consolidação da autonomia portuguesa. Obra a princípio de ambição e orgulho, a desmembração dos dous condados do Porto e de Coimbra veio por milagres de prudencia e de energia a constituir, não a nação mais forte, mas de certo a mais audaz da Europa nos fins do xv século. Dir-se-hia um povo predestinado. Quaes seriam hoje, de feito, as relações do oriente e do novo mundo com o occidente, se Portugal houvesse perecido no berço? Quem ousará affirmar que,

sem Portugal, a civilisação actual do genero humano seria a mesma que é?

O conde Henrique pouco sobreviveu ao sogro: cinco annos escassos; mas durante esses cinco annos todos aquelles actos seus cuja memoria chegou até nós indicam o exclusivo intuito de alimentar o incendio das discordias civis que devoravam a Hespanha christian. Nas luctas de D. Urraca, dos parciaes de Affonso Raimundes, e do rei de Aragão, qual foi o partido do conde? Todos successivamente; porque nenhum era o seu. O *seu* consistia em constituir um estado independente nos territorios que governava. E no meio dos tumultos e guerras em que ardia o reino, elle teria visto coroadas de bom successo as suas diligencias, se a morte não viesse atalhar-lhe os designios juncto dos muros de Astorga.

Mas a sua viuva, a bastarda de Affonso vi, era pela astucia e animo viril digna consorte do ousado e emprehendedor Borgonhês. A leôa defendeu o antro onde não se ouvia já o rugido do seu fero senhor, com a mesma energia e esforço de que elle lhe dera repetidos exemplos. Durante quinze annos luctou por conservar intacta a independencia da terra que lhe chamava

rainha, e quando o filho lhe arrancou das mãos a herança paterna, só havia um anno que a altiva dona curvara a cerviz ante a fortuna de seu sobrinho Affonso Raimundes, o joven imperador de Leão e Castella. Era tarde. Portugal não devia tornar a ser uma provincia leonesa.

Se D. Theresa se mostrara na viuvez digna politicamente do marido, o filho era digno de ambos. O tempo provou que os excedia em perseverança e audacia. A natureza dera-lhe as fôrmas athleticas e o valor indomavel de um desses heroes dos antigos romances de cavallaria, cujos dotes extraordinarios os trovadores exaggeravam mais ou menos nas lendas e poemas, mas que eram copiados da existencia real. Tal fôra o Cid. Os amores adúlteros de D. Theresa com o conde de Trava, Fernando Peres, fizeram com que cedo se manifestassem as aspirações do moço Affonso Henriques. Os barões da provincia que tendia a constituir-se em novo estado achavam naturalmente nelle o centro da resistencia á preponderancia de um homem que deviam considerar como intruso, e a quem a cegueira da infanta-rainha cedia o poder que d'antes tão energicamente exercera. Á irritação e inveja, que a elevação desse estranho devia

despertar no coração de cada um delles, adjunctava-se de certo a consideração das consequencias inevitaveis da illimitada preponderancia do conde. Fernando Peres pertencia a uma das mais poderosas familias da Galliza e a mais addicta ao moço soberano de Leão e Castella. Seu pae fôra o aio e tutor do principe quando as paixões sensuaes de D. Urraca o cercavam de serios perigos. Nada mais natural do que resultar daquella preponderancia a ruina da nascente independencia do novo estado.

O que se passava em Portugal era em resumido theatro o que pouco antes se passara em Leão. Alli, os amores de D. Urraca com o conde Pedro de Lara tinham favorecido as ambiciosas pretensões de Affonso Raimundes, concitando contra ella os odios dos barões leoneses e castelhanos. Aqui, os amores de D. Theresa acenderam ainda mais os animos e trouxeram uma revolução formal.

Se na batalha do campo de S. Mamede, em que Affonso Henriques arrancou definitivamente o poder das mãos de sua mãe, ou antes das do conde de Trava, a sorte das armas lhe houvera sido adversa, constituiriamos provavelmente hoje uma provincia de Hespanha. Mas no progresso

da civilisação humana tínhamos uma missão que cumprir. Era necessario que no último occidente da Europa surgisse um povo, cheio de actividade e vigor, para cuja acção fosse insufficiente o ambito da terra patria, um povo de homens de imaginação ardente, apaixonados do incognito, do mysterioso, amando balouçar-se no dorso das vagas ou correr por cima dellas envoltos no temporal, e cujos destinos eram conquistar para o christianismo e para a civilisação tres partes do mundo, devendo ter em recompensa unicamente a gloria. E a gloria delle ó tanto maior quanto, encerrado na estreiteza de breves limites, sumido no meio dos grandes imperios da terra, o seu nome retumbou por todo o globo.

Pobres, fracos, humilhados, depois dos tão formosos dias de poderio e renome, que nos resta senão o passado? Lá temos os thesouros dos nossos affectos e contentamentos. Sejam as memorias da patria, que tivemos, o anjo de Deus que nos revoque á energia social e aos sanctos affectos da nacionalidade. Que todos aquelles a quem o engenho e o estudo habilitam para os graves e profundos trabalhos da historia se dediquem a ella. Não meio de uma

nação decadente, mas rica de tradições, o mister de recordar o passado é uma especie de magistratura moral, é uma especie de sacerdocio. Exercitem-no os que podem e sabem; porque não o fazer é um crime.

E a arte? Que a arte em todas as suas formas externas represente este nobre pensamento; que o drama, o poema, o romance, sejam sempre um echo das eras poeticas da nossa terra. Que o povo encontre em tudo e por toda a parte o grande vulto dos seus antepassados. Ser-lhe-ha amarga a comparação. Mas como ao innocentinho infante da Jerusalem Libertada, homens da arte, aspergi de suave licor a borda da taça onde está o remedio que póde salvá-lo.

Emquanto, porém, não chegam os dias, em que o puro e nobre engenho dos que então hão-de ser homens célebre exclusivamente as solemnidades da arte no altar do amor patrio, alevantemos uma das muitas pedras tombadas dos templos e dos palacios, para que os obreiros robustos que não tardam a surgir digam quando a virem: «as mãos que te pozeram ahí eram deveis, mas o coração que as guiava antevia já algum raio da luz que nos alumia».

de bufão, houve uma hora de agonia e desesperação como a tua, e vivi! Vivi para vingar-me: para a vingança deves tu viver, se és um homem. Mal sabes que prazer é o responder com a injúria á injúria com o martyrio ao martyrio! Olha: amanhã ha um topar em cheio d'escudos e lanças, ha uma festa de sangue e matança; e o cavalleiro esforçado poderá pôr um joelho sobre os peitos do seu inimigo derribado, e gritar-lhe aos ouvidos, apontando-lhe o punhal á garganta:— «Sou eu que te mando aos infernos!» — Oh, como será bom e consolador! Quisera ser forte e ser cavalleiro . . . Mas tu o és: tu, o abandonado, podes abrir a valla dos mortos entre o altar e o leito do noivado; converter em escarneo e mentira as benções do sacerdote: ver a teus pés estorcendo-se moribundo o que assassinou a tua alma, e cuspir-lhe nas faces demudadas, e rir . . . desesperá-lo com o teu rir . . . É tudo isto o que ha para ti na vida, se fugires. Se ficares, ao romper d'alva subirás a uma das torres deste castello para ahi assistires mudo e quedo ás façanhas do teu rival; mudo e quedo pendurado de uma corda do alto das ameias, como um judeu vil, como um feiticeiro maldicto . . . »

«Oh, não digas mais! — interrompeu o caval-

leiro como embriagado e phrenetico pelo horror e pela vingança que respiravam as palavras, o gesto, o olhar de Dom Bibas. — Não digas mais! Tens razão, o vingar-se é o prazer supremo de um reprobó! Não acceitei della a liberdade: acceitá-la-hei de ti... Depois... depois, Deus se compadeça de mim.»

«Não ha tempo a perder — proseguiu o bobo começando a despir a cogulla que trazia vestida. — Toma este habito e sae curvado e escondendo o rosto: os guardas não te conhecerão. Dirige-te ao pateo principal do castello: juncto á torre da esquerda é a pocilga do truão: a porta estará aberta: lá dentro, por detrás da minha pobre enxerga, é a entrada de um caminho subterraneo: segue-o: irás sair bem perto do sítio aonde dizem que chegam os corredores do infante. O resto pertence-te a ti.»

«Mas qual será a tua sorte quando na hora fatal os algozes, buscando a sua víctima, só te encontrarem a ti?» — disse o cavalleiro hesitando.

«Pensas tu que, se a cabeça me corresse algum risco, eu a exporia por te salvar? Oh que não! Tambem tenho a minha vingança e quero folgar depois de a ver satisfeita. Deixar-me-hão aqui; porque o conde de Trava não voltará esta

noute: e ámanhan... oh, ámanhan... Gonçalo Mendes da Maia virá soltar-me... Sei certo que ha-de vir.»

E apontando para a escada, repetiu:

« Não ha momento a perder. »

O cavalleiro calou-se e carregando o capuz sobre os olhos subiu a escada, e atravessando por entre os guardas, que mal olharam para elle attentos a fechar o alçapão da masmorra, saiu da torre e encaminhou-se para o sítio que o truão lhe indicara. Os terriveis pensamentos que o agitavam produziam nelle uma desusada energia.

Quando o bobo se achou só, semelhante a tigre raivoso, galgou de um pulo ás grades de uma das troneiras: mirou o céu por alguns momentos, e depois, deixando-se cair em pé no pavimento, bateu as palmas bradando:

« Aragonês, ahí te envio o meu vingador! Conde de Trava, não tarda Gonçalo Mendes! Um castello por vinte açoutes! — O truão é mais generoso que tu. Oh, oh!... »

E desatara a rir.

XV

CONCLUSÃO

A sorte das armas e a vingança de Dom Bibas tinham resolvido os futuros destinos de Portugal. Não foi esta a primeira vez, nem será a última, em que uma batalha ou um caturra influam na existencia ou não-existencia, no modo de ser ou de não-ser destes corpos moraes chamados nações, que apesar da sua individualidade, em rigor ideal e abstracta, não deixam de parecer corpos physicos—pela falta de vontade e intelligencia.

Brava batalha se pelejara no campo de S. Mamede juncto de Guimarães, onde a hoste do infante se travara com a de sua mãe e do conde de Trava. Depois de largo conflicto, Affonso Henriques triumphara, e D. Theresa se vira obrigada a fugir com o suberbo estrangeiro, indo encer-

rar-se no castello de Lanhoso, distante duas leguas do logar do recontro.

Maç porque não procuraram os vencidos amparar-se dentro dos fortes muros e torres do castello de Guimarães? É o que não nos diz a historia. Pouco importa: di-lo-hemos nós. A historia não conheceu Dom Bibas, e Dom Bibas, muito em segredo o revelamos aqui aos leitores, nos offerece a chave deste mysterio. O bobo tornara impossivel semelhante arbitrio, e porventura ajudara a descer do céu a benção que cobriu as armas de Affonso Henriques.

Este não se esquecera do modo por que e do caminho por onde o esforçado senhor da Maia escapara ás garras do nobre tigre de Galliza. A lança de Gonçalo Mendes não reluzira enristada ao sol da peleja. Quando, porém, esta andava mais accessa e travada, varios bésteiros, que se viam ao longe guarnecendo os adarves e eirados das muralhas e torres do temeroso castello, começaram a vacillar e correr de um para outro lado, e dahi a pouco alguns delles, tombando por entre as ameias, fizeram espadanar as aguas encharcadas e verdenebras do fosso. Os habitantes do burgo, correndo a indagar a causa do terrível espectaculo que presenciavam, sentiram mis-